

PALAVRAS

PROFERIDAS PELO

BISPO DE COIMBRA

QUANDO FOI RECEBIDO NA

REAL ACADEMIA DE HISTORIA

DE

MADRID

No dia 5 de junho de 1896

2.ª Edição



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1896

RC
MNCT
2
COI

17-18-1910

PALAVRAS

PROFERIDAS PELO

BISPO DE COIMBRA

PALAVRAS

PROFERIDAS PELO

BISPO DE COIMBRA

QUANDO FOI RECEBIDO NA

REAL ACADEMIA DE HISTORIA

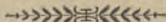
DE

MADRID

No dia 5 de junho de 1896

2.^a Edição

-121-



Instituto Ciência Viva
Humberto de Carvalho

RC
MNCT
2
COI

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1896



Ex.^{mo} SR. PRESIDENTE,
Ex.^{mos} SRS. ACADEMICOS:

Por muitas vezes havemos lamentado e sentido não termos o saber e o dom da palavra que demanda a nossa posição e o desempenho do nosso ministerio, mas nunca o nosso sentimento por este motivo foi tão fundo como agora, porque tambem jámais como agora foi tão funda a nossa gratidão, e tão grande a difficuldade e enleio em que nos vemos para a exprimir.

Bispo, como somos, d'um paiz pequeno, e em merecimentos ainda mais pequeno do que elle, estamos de todo absorto e confundido com o que temos visto e acabamos de ouvir, e com tantas honras e cortezias de que temos sido alvo n'esta Real Academia e n'esta opulenta e bella cidade.

Parece que a Hespanha sempre distincta e brilhante na religião, na politica, nas letras e nas armas; sempre briosa e inexcedivel em tudo o que fôr nobre e grande, quer para o espirito no campo das idéas, das sciencias e das artes, quer para o coração nos sentimentos da fé, da caridade e do amor da familia, da religião e da patria; e sempre valente, arrojada e destemida a ponto de não fazer caso do seu sangue e da sua vida quando se trata de sustentar o decoro e a gloria do seu nome, entendendo mais que nenhum outro povo do mundo, que é melhor morrer com honra do que viver com ignominia; parece, dizemos, que esta nação altiva, fidalga e cavalleirosa se compraz em ser generosa e magnanima para com os humildes.

Não o admiramos, senhores, porque é proprio de quem vale muito dar a mão a quem nada vale, e de quem respeita tanto a religião e a Egreja, como nós aqui temos visto, considerar e honrar os seus ministros, ainda que sem virtudes, como nós, e ainda que estrangeiros, como nós somos, porque, se na religião não ha fronteiras, na bizarria e longanimidade da Hespanha não ha limites.

Mas estas honras, que tanto nos captivam e penhoram, e que abrem no fundo da nossa alma uma divida

de reconhecimento e gratidão que nunca poderemos pagar, mas que também nunca poderemos esquecer, não recahem sómente sobre a nossa humilde pessoa, mas também sobre o nosso querido Portugal.

Em nosso nome, pois, e em nome d'elle nós as agradecemos extremamente commovido, e, por mais longos e felizes que sejam os dias de vida que a Providencia Divina ainda nos conceda, jámais poderemos ter ventura maior e honra tão subida como esta de sermos recebido tão amavelmente e com tanta distincção n'esta Real Academia, n'este respeitavel e venerando congresso de sabios de que nos vêm scintillações de talento, e de auctoridade scientifica, civil e politica, que de todo nos deslumbram, principalmente quando a presença das senhoras de Madrid vem dar-lhes a nota de respeito e alegria, de suavidade e doçura com o perfume das suas virtudes, com a conhecida graça e gentileza do seu espirito, e com os não menos conhecidos encantos e formosura do seu sexo.

Todavia, senhores, permitti-nos dizer, sem offensa para ninguem, e antes com muito respeito para todos, que o nosso deslumbramento sóbe de ponto quando contemplamos o dignissimo senhor Presidente d'esta Academia, o grande sabio e eminente politico e estadista, não da Hespanha mas da Peninsula, não da Peninsula mas da Europa e de toda a parte, porque os homens como o sr. Canovas não pertencem sómente á sua patria:

pertencem á humanidade para a glorificarem com os seus talentos, e a Deus, que lh'os concedeu, para o honrarem com as suas obras.

E nem é outra cousa senão a verdade do que dizemos, a apothéose que se fez aqui a Alexandre Herculano, não obstante o não ser hespanhol, apothéose a que nós viemos assistir, não só para significarmos por este modo os nossos agradecimentos á Hespanha, que lh'a fez, mas tambem para honrarmos a memoria do illustre filho de Portugal, que, se por vezes teve algumas nuvens no sol do seu talento e das suas crenças, essas nuvens foram por ultimo dissipadas, como aqui se disse, e a Egreja absolveu-as e perdoou-as por tal fórma que nós não tivemos duvida em estar aqui não só como cidadão portuguez, mas tambem como Bispo catholico; e nem podiamos ter a menor sombra de duvida a tal respeito estando presente aqui tambem o illustre sr. P.^o Fita, que tanto honra a religião, a sua patria e a sua companhia com os seus talentos tão notaveis, e com a orthodoxia e pureza das suas doutrinas tão justa e altamente acatadas.

Além disso, não deixava ficar logar para escrupulos n'este ponto a conhecida catholicidade d'esta Real Academia, e a do illustre Academico, sr. Sanchez Moguel, que fez o elogio historico de Herculano com tanta vastidão de conhecimentos, elegancia de fórma e brilho de palavra.

Muitas graças e muitos louvores sejam, pois, dados á Hespanha, porque, desprendendo-se dos estreitos limites de nacionalidade, e das vistas curtas e acanhadas de *chauvinismo*, perdoae-nos esta expressão, soube levantar-se mais alto e mais largo para commemorar e celebrar os meritos do grande historiador da Peninsula n'este seculo, e que, se muito honrou a patria de D. Afonso Henriques e de Santa Isabel, em cujo throno se senta hoje uma Successora dignissima das suas virtudes, que se chama Dona Maria Amelia, honrou e considerou tambem com o seu talento e com os seus escriptos a patria de S. Fernando e de Isabel a Catholica, em cujo throno egualmente está agora sentada tambem uma Successora muito digna das suas virtudes, que se chama Dona Maria Christina.

E já que fallamos n'este Nome venerando, que ha muito tempo se impõe ao nosso respeito e admiração, seja-nos permittido dizer que n'este fim de seculo, em que tudo parece querer decahir, as monarchias, as republicas, os estados e as proprias verdades e doutrinas em que assenta a ordem publica, e a paz e o governo das nações, é consolador para os hespanhoes, quaesquer que sejam os seus ideaes politicos, que nós muito respeitamos, o vêr como esta Senhora está firmando

e levantando o throno do seu Augusto Filho, não com a força dos seus exercitos, mas com o amor do seu povo; não com o peso do seu ouro, mas com o fogo da sua caridade; não com o imperio e grandeza do seu poder, mas com a humildade e pratica das suas boas obras; não com os arminhos da realeza e com os brilhantes da sua corôa, mas com os esplendores das suas virtudes christãs, e com a confiança que põe na sua fé e nas bençãos que recebe de Deus e do seu Vigario na terra.

Permitti-nos, pois, senhores, tambem que saudemos d'aqui com todo o respeito este astro que tanto fulgura no throno de Hespanha, e que pelo seu criterio e bom senso, e pelos suaves e doces attractivos da bondade, da virtude e da sympathia, mais ainda que pelas rotações partidarias e imposições da politica, sabe chamar e reunir ao seu fulgor, o de tantos outros astros de primeira grandeza, que são aqui, na vida dos partidos, no governo do Estado, nos trabalhos das Academias e no progresso das sciencias, das artes e da industria, a bussola e o grande luzeiro que dirige e guia o povo hespanhol na defeza dos seus direitos, no cumprimento dos seus deveres e nos caminhos da paz, da justiça e da civilização.

Nós nos curvâmos reverentes e cheios de respeito

perante estes dignissimos representantes e continuadores das tradições e glorias da Hespanha em todos os ramos do saber humano. Sómente sentimos, senhores, que por sermos todo sombra ao pé de tanta luz, não saibamos pôr deante dos vossos olhos o que nos vae, na alma e no coração, de sympathia, de affecto e de gratidão ao vosso Madrid e a esta Real Academia, que tão dignamente representa o grande valor scientifico e litterario da Hespanha, e que nos seus estudos historicos, tão levantados na sua orientação e imparcialidade, abrange tambem o nosso paiz, a principiar pelo seu dignissimo Presidente, com referencias que longe de o molestarem, antes lhe devem ser gratas, segundo o conhecimento que temos. E ao sr. Sanchez Moguel, que é o Apostolo fervoroso e dedicado d'estas investigações historicas, e da approximação e fraternidade entre as duas Nações, a cujo serviço põe o seu talento, actividade e sympathia, testemunhamos aqui o nosso reconhecimento e admiração pelos altos dotes do seu espirito, e pelos bons sentimentos do seu coração para ambos os paizes.

E sobre este assumpto tão delicado e momentoso não podemos deixar de dizer o que sentimos, porque assim o pede a verdade e a franqueza que em tudo vos devemos. Perdoae-nos, senhores, se estamos já abusando da bondade e attenção com que nos ouvís, e que muito vos agradecemos.

É triste, senhores, a condição dos pequenos para com os grandes, e dos fracos para com os fortes quando estes, sem se importarem com a justiça, abusam do seu poder em relação áquelles.

Soffremos então muito com este abuso, porque, embora sejamos humildes, pacientes e resignados por indole e por dever do nosso ministerio, somos altivos e implacaveis na defeza do opprimido contra o oppressor, e na força e constancia da reacção contra todas as injustiças, prepotencias e despotismos que troquem a força do direito pelo direito da força.

Por todo este dizer, porém, não julgueis, senhores, ou que fazemos a minima referencia á Hespanha, porque o pensar e o proceder dos seus homens mais illustres a respeito de Portugal afasta muito do nosso animo semelhante injustiça, ou que temos pena de pertencer a um paiz tão pequeno como o nosso, porque, muito pelo contrario, temos muita honra e satisfação em ser portuguez. Portugal, embora pequeno em territorio, é grande no genio, no valor e na historia, e tem, como a Hespanha, inscriptos n'ella com letras d'ouro os brazões nobilissimos dos seus feitos e das suas glorias. Na dilatação do seu imperio para além dos mares, e nas conquistas de dominios para a fé e de almas para Deus chegou a

assombrar o mundo inteiro; e ainda ha pouco tempo fez reviver nas terras africanas as suas glorias quasi legendarias de outr'ora.

Pelo que, se é grande o amor que temos á religião de Jesus Christo como Bispo catholico, é grande tambem o que temos ao nosso querido Portugal como cidadão portuguez, e de boa vontade dariamos tambem por elle o nosso sangue e a nossa vida, se alguém pretendesse fazel-o riscar do numero das Nações da Europa. E não fariamos n'isto mais que imitar os nossos venerandos Antecessores, que nos campos da batalha e ao lado do seu Rei conquistaram o titulo honorifico de que usamos, e que tanto ennobrece a santa Egreja de Coimbra.

Mas se a natureza creou irmãs, unidas e entrelaçadas uma na outra as duas Nações de Hespanha e Portugal; se são ambas as mesmas na raça, nas crenças, na navegação dos mares e nas conquistas da civilisação, porque, se para estas sahiu Colombo da Hespanha, sahiu de Portugal Vasco da Gama; se na religião as glorias d'uma são as glorias da outra, porque, se da Hespanha foi para Portugal Santa Isabel, veio de Portugal para a Hespanha S. João de Deus; se a Hespanha é attenciosa e delicada para Portugal, como, entr'outros factos, o attesta o centenario de Colombo e a festa aqui celebrada ha poucos dias; se Portugal corresponde a estas cortezias e benevolencias muito penhorado e agra-

decido; e se, finalmente, com a facilidade hoje de communicações estamos em poucas horas á porta de casa uns dos outros, para que hão de estas duas Nações viver separadas uma da outra como se entre ellas se intromettesse a vastidão dos mares, as muralhas da China ou as montanhas dos Alpes e dos Pyreneus?

Pois tantos sacrificios feitos para ligar Hespanha e Portugal por quatro linhas ferreas hão de servir aos Hespanhoes unicamente para irem tomar banhos de mar a Portugal, e aos Portuguezes para irem a Paris buscar as modas e os requintes do luxo, que são a ruina das familias e a degeneração da nobreza e altivez do character peninsular?

Vivam, pois, livres e independentes as duas Nações, e cada uma em sua casa governando-se como entender e mais lhe agradar, mas sejam benevolas e carinhosas uma para a outra, e auxiliem-se reciprocamente nas suas relações religiosas, scientificas, commerciaes, industriaes e economicas para nos impormos ao respeito e consideração da Europa, e para d'este modo não ser tão triste, como dissemos, a sorte dos pequenos em relação aos grandes.

Tambem nos parece que na indefectivel justiça, alto criterio e largueza de vistas do actual sr. Presidente do Conselho de Ministros, e de tantos outros politicos de

Hespanha, ministeriaes e de opposição, teria Portugal um penhor seguro de que seria respeitado como nação livre, independente e autonoma; e na força com que aqui se mantêm e defendem os sentimentos e interesses religiosos e sociaes teria tambem uma barreira contra a invasão de doutrinas impias e subversivas que tanto nos assustam.

Praza a Deus que sempre assim seja, e que os nossos compatriotas, reconhecendo isso, e pondo de parte antigos preconceitos e desconfianças que o tempo e o progresso das idéas e da civilisação devem fazer esquecer, dêem á Hespanha, sem quebra nunca da sua autonomia, os mesmos testemunhos de respeito, bem que rença e fraternidade que, pela mesma fórmula, lhe dá hoje aqui o mais humilde dos seus Bispos com todos os affectos do seu coração, e com toda a franqueza e lealdade do seu character; e praza a Deus tambem que na guerra de Cuba não se demore muito a victoria das armas hespanholas, que é a paz da peninsula, para nós dizermos então com o espirito a affirmar justiça, e com o coração a trasbordar alegrias:

*Viva a Hespanha vencedora,
Viva o engrandecimento, e a prosperidade das
duas nações peninsulares.*

Temos dito.





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329644737

